



### FIQUE DE OLHO

- *Inapropriados para o trabalho* chega ao Disney+ nesta terça-feira.
- Nova comédia romântica da Netflix, *Paixão de escritório* estreia nesta sexta-feira.
- Ainda na sexta-feira, a nova versão de *Cabo do medo* chega ao Apple TV+.

Divulgação



## Amor fora da curva

Cercada de expectativa, *Off: campus amores improváveis* chegou ao streaming carregando o peso de uma comunidade inteira de leitores atentos a cada detalhe. Depois de *O verão que mudou minha vida*, *Maxton Hall*, *Mentirosos* e da crescente febre das adaptações literárias adolescentes, a série baseada nos livros de Elle Kennedy desembarca no Prime Video com a missão clara de consolidar de vez o espaço dos romances young adult dentro do catálogo. E consegue.

A primeira temporada adapta *O acordo*, livro que apresentou milhares de leitores ao universo da fictícia Universidade Briar. A trama acompanha Hannah Wells (Ella Bright), estudante de música clássica focada, talentosa e completamente distante do universo dos atletas populares do câmpus. Do outro lado está Garrett Graham (Belmont Cameli), capitão do time de hóquei, estrela universitária e filho de uma lenda do esporte.

Quando Garrett precisa desesperadamente melhorar suas notas, os dois fazem um acordo improvável. Ela o ajuda a estudar e ele finge ser seu namorado para despertar o interesse do garoto por quem Hannah tem uma queda. O clássico "fake dating" entra em cena e, dali em diante, ninguém precisa de muito esforço para imaginar para onde a história vai.

E esse talvez seja justamente um dos maiores acertos da produção criada por Louisa Levy. *Off campus* não tenta fugir do clichê adolescente. Ela sabe exatamente o que é. Tem "enemies to lovers", namoro de mentira, olhares demorados e diálogos que flertam o tempo inteiro com o universo emocional das garotas. A única diferença está na execução: a série dá tempo para os personagens respirarem. Hannah e Garrett não se conectam apenas porque o roteiro exige, eles dividem inseguranças, traumas, medos e vulnerabilidades.

Existe ainda outro detalhe que ajuda a explicar o barulho que a produção fez antes mesmo da estreia.

Garrett Graham entra facilmente na categoria de homens escritos por mulheres. O atleta popular poderia cair no estereótipo previsível do universitário arrogante e emocionalmente indisponível. No entanto, a adaptação escolhe outro caminho.

Garrett escuta, cuida, protege sem infantilizar e constrói vínculos saudáveis com os amigos e com a namorada. Em tempos em que relacionamentos tóxicos muitas vezes são romantizados nas telas, ver uma produção apostar em masculinidades menos caricatas funciona quase como um respiro.

A série também amadurece aspectos do material original. Questões como machismo, consentimento, trauma, violência sexual e saúde emocional aparecem com mais responsabilidade e profundidade do que nos livros. Os pais dos personagens, que em muitas produções adolescentes quase não existem, aqui influenciam diretamente os conflitos e as escolhas dos protagonistas.

As amigas masculinas também recebem espaço importante. Logan (Antonio Cipriano), Dean (Stephen Kalyn) e Tucker (Jalen Thomas Brooks), colegas de quarto de Garrett e protagonistas das futuras temporadas, também fogem do arquétipo do "atleta sem cérebro" tão comum nesse tipo de narrativa.

Apesar de alguns diálogos soarem artificiais e certos caminhos previsíveis desde o primeiro episódio, a série também acerta na trilha sonora e nos looks. E a química entre os personagens segura boa parte da experiência. A história funciona exatamente porque reúne calor humano, leveza e afeto, que muitas vezes acabam esquecidos em romances universitários.

A segunda temporada foi confirmada, e a proposta de adaptar cada livro da saga de Elle Kennedy indica que a Universidade Briar ainda deve ocupar bastante espaço no imaginário de quem cresceu consumindo histórias de amores improváveis.



### Liga

Entre separações, amizades de décadas, novos relacionamentos e crises existenciais, a série *As quatro estações* do ano, criada por Tina Fey, consegue transformar conflitos cotidianos em uma comédia dramática acolhedora e inteligente. A segunda temporada estreou nesta quinta-feira e mantém aquilo que fez a produção funcionar bem: os personagens imperfeitos tentando seguir em frente enquanto a vida muda ao redor deles.



### Desliga

O último episódio da terceira temporada de *Euphoria* vai ao ar hoje e realmente tinha que acabar. Depois de anos de espera, a série parece ter se perdido no próprio peso. O impacto visual continua lá e as atuações seguem fortes, mas o excesso de sexualização e sofrimento, os conflitos repetitivos e a sensação constante de esgotamento emocional transformaram o que antes parecia provocador em algo cansativo.